

PROTEÇÕES

RUBEM BRAGA

AQUELA morena de pele tão suave e um sorriso simpático e meio tímido, sorriso de prima-irmã — é filha de um político importante. Soube que ela trabalhava — e imaginei que tivesse uma sinecura qualquer, dessas que os políticos importantes costumam arranjar para as filhas dos outros políticos importantes, e em troca das quais os outros políticos importantes arranjam lindas sinecuras para as filhas dos políticos importantes.

Desculpem se essa frase ficou um tanto monótona e enredada; a culpa não é minha, é da própria monotonia do enredo. Ainda recentemente vimos alguns casos dessas trocas de gentilezas.

Filhos, filhas, netos e netas, genros, noras, enteados, sobrinhos — tudo, afinal, é família, e pelo menos é doce ter a certeza de que o brasileiro continua a ser, essencialmente um homem... família. As pessoas de bom senso e de boa vontade sempre acharão isso melhor que a proteção administrativa, bastante frequente, a certos elementos não familiares cujas virtudes residem mesmo, precisamente, no fato de não serem... família. Os poderosos que podem fazer certas nomeações têm dentro da cabeça aquêlé anúncio que o Barão de Itararé divulgou: "Precisa-se de uma boa dactilógrafa; se for realmente boa, não precisa ser dactilógrafa".

Confesso que tenho uma certa tolerância para essas fraquezas dos dois tipos. Reconheço que é lamentável que muitas vezes uma pequena, pelo fato de ter uma carinha engraçada e umas curvas amenas, seja nomeada ou promovida em prejuízo de gente mais capaz, mais útil e mais necessitada. Não está certo, não é justo, e, em alguns casos, é revoltante. Mas de todas as fontes de injustiças desse tipo a beleza ainda me parece a menos... injusta. Razões de política, de interesses, de vaidade, de dinheiro e de força têm guindado, no Brasil, a lugares de responsabilidade gente tão feia e tão rúm, tão mesquinha e nula que afinal parece que certos ministros

seriam bem melhores se tivessem sido escolhidos em um... concurso de sereias. Piores é que não poderiam ser.

O sentimento da família e o culto à beleza são afinal virtudes (cristãs e pagãs) que, ainda quando aplicadas viciosamente, não deixam de ser virtudes. Em um país de vida pública tão melancolicamente eivada de sujeiras e injunções como o Brasil, confesso que sinto meu próprio nível íntimo de padrões morais baixando um pouco; é um meio de não desesperar de vez...

Veja-se a tolerância do povo para com os autores das maiores traições, falcatuas, crueldades e sujeiras; e depois de ver bem e de sentir uma certa vergonha por tudo isso, procure-se, com a possível frieza de ânimo, determinar as causas desse fenômeno tão deplorável quanto inegável. Evite-se dizer, com raiva, que o povo (ou certa parte do povo) gosta de fulano pelo próprio fato de ele ser tão patife. Não é exato, convenhamos: há patifes aos montes, e raros os que têm alguma popularidade. Procure-se a causa na demagogia; mas vamos convir em que, para ser bem sucedida, a demagogia tem que ter um certo lastro de benefícios reais — ainda que provisórios, ainda que, no fundo ou ao longo dos acontecimentos, maléficis. Nosso povo tem um nível de vida tão baixo, sua vida é tão cheia de privações e necessidades, e ele tem sido tão longamente oprimido e explorado e desprezado por senhores de cara fechada e frases solenes que não é justo condená-lo por ir atrás de qualquer aventureiro cínico, mas cordial e festeiro...

Estou certo de que a mais curiosa de todas as experiências que o Brasil poderia fazer nestes tempos seria eleger o brigadeiro Eduardo Gomes presidente da República. Seria um choque tremendo, de consequências imprevisíveis. Não pelo fato de sua rigorosa correção e honestidade (tem havido e há homens públicos no Brasil assim), mas pelo jeito agressivo, militante e fanático com que ele tenta aplicar e impor aos outros a mesma linha de conduta. Quando a gente repara um pouco no que é a vida política brasileira de hoje, pensar nessa possibilidade é pensar em algo altamente patético e infinitamente divertido.

Mas desandei a falar de uma coisa e outra e deixei a tal moça morena esquecida lá atrás: que a senhorita e o leitor nos desculpem, e até amanhã.